

L I V R O S

FICÇÃO

HISTÓRIAS DE AMOR

por JOSÉ CARDOSO PIRES

O conto não é um romance em ponto pequeno, um exercício para principiantes, uma cómoda solução de emergência com que se satisfaziam aqueles a quem o fôlego não chegou para escrever um romance. Por outro lado, o conto moderno — como o romance moderno, como a poesia moderna, como toda a arte dos nossos dias, por mais que forçosamente seja o fruto de uma longa tradição e por mais variantes que felizmente ofereça, consoante as nações e as personalidades que o cultivem, tem condições próprias de elaboração, um ambiente próprio, uma linguagem própria.

A compreensão e a aceitação destes pontos, que julgo essenciais, não são talvez vulgares entre nós. E foi o encontrá-las, juntas a uma evidente facilidade de narrar e a um transparente sentimento de humanidade, no livro *Os Caminheiros e Outros Contos* que me levaram a saudar aqui, há volta de três anos, o aparecimento de um novo escritor português de mérito no seu jovem autor.

José Cardoso Pires, que depois alcançou da imprensa e do público em geral um aplauso pouco comum, criou imediatamente com o seu primeiro livro, perante o público e a crítica, as graves responsabilidades que são o estímulo e o orgulho de qualquer escritor. E é agora agradável verificar, com a publicação do seu segundo livro, que o estreante de então não esqueceu tais responsabilidades nem pretendeu ladeá-las.

Histórias de Amor (1) mantêm o nível de interesse de *Caminheiros*, mostram as qualidades naturais do escritor em franco desenvolvimento, revelam-no cada vez mais encaminhado para uma ordenação de pensamentos e sentimentos que a realidade caótica que o cria e o condiciona lhe propõe, põem-no mais e mais à prova entre o que se escolhe com facilidade e êxito fácil e o que há que escolher com dificuldade e necessária ousadia coerente. Sob este aspecto, o seu prefácio desordenado e pouco eficiente, é precioso. Como prova, como impensada confissão, como testemunho involuntário. Mas havia talvez que deixar os contos seguir o seu caminho, sem aquelas dezoito páginas excrescentes — já porque eles próprios as tornam, como o autor esperou e desejou, «desnecessárias», já porque o ensaio não parece ser o domínio aconselhável a um escritor em que a explicação é sempre de índole imperiosamente poética e sentimental. Cardoso Pires fecha um dos seus mais belos contos com estas palavras: *E continua a repetir com voz acre «amor eterno, amor eterno», enquanto na calçada o motor arranca e ela parte entre os dois homens numa alvorada de galos. Tais*

(1) *Os Livros das Três Abelhas*. Lisboa, 1952.

palavras, naturalmente difíceis de desligar da atmosfera de transfiguração e aliás bem real de *Romance com Data*, dizem tudo que o prefácio não consegue enunciar e expor. Se o autor se achou na necessidade de justificar-se, ali tinha a justificação completa. O amor, o motor nas mãos daqueles homens, a alvorada de galos — eis os três símbolos justificativos de todo o livro. Eles oferecem-nos a chave dos delírios e dos sonhos sincopados, explicam o clima de impedimento que é aqui a nota maior, exibem a uma luz reveladora a força positiva do «amor eterno», em luta, pelo livro fora, com o amor frustrado, a capacidade sadia e renovadora do amor em dolorosa e esperançosa luta contra as armadilhas, os rebaixamentos, os aviltamentos de toda a espécie que uma realidade passageira mas profundamente marcada dia a dia lhe propõe e lhe inflinge.

Por mais de uma vez o leitor suporá descobrir neste livro a tese de que o amor é um anseio inviável, miragem poética incompatível com o tempo e os embaraços do quotidiano (*Uma simples Flor Nos Teus Cabelos Claros*), cínica expressão do homem eternamente corrompido (*Dom Quixote, As Velhas Viúvas e a Rapariga dos Fósforos; Ritual dos Pequenos Vampiros*), beleza intensa só alcançável numa zona de proibição e fugacidade (*Week-end; Romance com Data*). Mas é necessário refrear a pressa para que o interesse da leitura nos arrasta. A dolorosa perplexidade do herói no fim de *Week-end*; a chocante ingenuidade inconforme que anima a rapariga dos fósforos do começo ao cabo da novela, todo o *Romance com Data* encerram a nota moralizadora do livro. Nestes e noutros passos é possível ouvir uma constante música de fundo que incansavelmente sugere: não há amor possível *assim*, mas ela parte entre os dois homens numa alvorada de galos.

A possibilidade de captar a atenção do leitor a ponto de despertar nele o necessário sentimento de cumplicidade, o contínuo

aproveitamento do ímpeto poético que a vida oculta nos seus momentos mais anónimos, uma força de imaginação que transforma constantemente os elementos da realidade em símbolo sem nunca os deixar despegarem-se da acção em curso são as características tècnicamente definidoras destas estranhas histórias do amor nos nossos dias, ou, com mais rigor: de certos aspectos do amor nos nossos dias. Um autor só pode construir obra séria a partir da sua própria experiência, ou seja: daquela parte da vida que ele pessoalmente experimentou e daquela outra com que a sua, directa ou indirectamente contacta. Não seria então estulto aceitar esta verdade e, ao mesmo tempo, exigir que um autor nos desse *todos* os aspectos que uma classe de problemas pode suscitar a todas as pessoas de todas as classes?

Histórias de Amor não é um livro vulgar. É indispensável sublinhar o quase contínuo ambiente de beleza em que estes contos se desenvolvem. O convite dirige-se aqui, como em vários escritores modernos, à zona de perigo e de aventura que abre inesperados relâmpagos de paz, de paz inquietada, de paz maculada, na vida instável e angustiada. Estes lapsos de refúgio que são, no fundo, o oposto da evasão, processam-se literariamente muitas vezes num equilíbrio instável entre Faulkner e Sartre, a caminho de um Gladkov em que houvesse o sabor a incerto e a mágoa desesperada daqueles — o que é evidentemente inviável mas define uma tendência. Em Cardoso Pires o convite fica, porém, a meio. Os seus modelos como que o atraíam. Não chegam para ele.

É indispensável aplaudir a contribuição e audácia do autor de *Week-end*. A coragem não é um elemento alheio à novidade literária destes tempos. Mas é também indispensável não calar que a sua obra continua a arriscar-se a uma insistência e exclusividade de influências que não poderão deixar de se tornar perigosas. Grandes es-

critores americanos continuam a ter presença excessiva nos contos do autor de *Camalheiros*. Do primeiro para o segundo livro esta presença aumentou.

Não esqueço que em 1949 elogiei no autor a coragem com que caminhou ao encontro dos escritores que o entusiasmavam. Uma obra não nasce do nada. Só os ignorantes do fenómeno literário supõem ser possível uma obra, principalmente o começo de uma obra, sem influências. Evitá-las receosamente é uma prova de fraqueza que não leva a lado nenhum; disfarçá-las deliberadamente é uma desonestidade; ir ao seu encontro, fazendo por tirar delas a fecunda lição, é um passo necessário. Mas este passo necessário pode tornar-se perigoso quando não cessa a tempo e sobretudo quando, procuradas ou involuntariamente sofridas de modo unilateral, as influências tendem a confundir-se e a dominar os processos próprios do escritor. Faulkner, Caldwell, Hemingway estão demasiadamente presentes nestas histórias que desejam ser portuguesas e devem ser portuguesas. *Ritual dos Pequenos Vampiros*, o conto menos conseguido da colecção, é um exemplo flagrante. Não se trata do «assunto». Assuntos destes surgem hoje desgraçadamente em qualquer parte e já os temos visto narrados nos nossos jornais. Trata-se, sim, do ambiente geral e, mais do que do ambiente, do modo como esse ambiente é dado. Trata-se da atmosfera, dos tipos, de certas expressões que, embora existam em português, são empregadas numa combinação tal de elementos, num estilo tal de composição que não seria difícil ao autor fazer passar este seu conto por uma tradução fiel do americano. Aquele negro Simas Anjo estendido em cima da colcha, com as unhas envernizadas, os sapatos de camurça, os vincos das calças «como dois gumes», a camisa de seda às listas, a gravata americana estampada, vive algures na América, mas não em Lisboa. O encontro dos amigos no quarto dele é um autêntico encontro de

gangsters planeando um assalto e não um encontro de vadios planeando uma patifaria nos arredores de Chelas.

Tal deficiência (porque se trata de uma deficiência, quando à progressiva americanização da nossa vida social os escritores — que não são puros espelhos, devem reagir com uma literatura tão nacional quanto possível) é menos acentuada mas quase sempre presente no resto do volume. E isto é evitável. Rodrigues Miguéis, com a sua *Beleza Orgulhosa*, deu-nos um alto exemplo de como é possível permanecer bem português escrevendo sobre um tema americano, no coração da própria América.

Não é um vislumbre do génio do grande *Garrett* que falta a Cardoso Pires para que, como ele diz no seu prefácio, a *Rapariga dos Fósforos* seja *lâcilmente reconhecida entre as muitas costureiras de cave, burguesinhas de lar negado, colegiais e futuras esposas de ofício que tanto vemos por aí*. O seu talento literário está provado. O nível e o interesse, a beleza e a humanidade do seu novo livro impor-se-ão com facilidade. O que lhe falta é certamente, e apenas, um contacto mais estreito com os escritores da nossa Europa, um convívio mais permanente com os nossos autores portugueses, a convicção de que o figurino americano — por mais que justamente admiremos os seus escritores e que reconheçamos ter neles aprendido muito, como figurino não nos convém. Que o contacto mais estreito com os europeus lhe será utilíssimo na desamericanização dos seus processos e até da sua construção linguística não poderá acaso entrever-se num conto tão belo como *Romance com Data*?

Seria, contudo, uma precipitação censurável atribuir todos os aspectos estranhos e, no entanto ou por isso, aliciantes dos contos de Cardoso Pires à influência literária americana. É a vida que, à nossa volta e, quanta vez, dentro de nós, está cheia de casos estranhos. A tendência para o mórbido que as suas viúvas revelam não pode

deixar de nos lembrar imediatamente William Faulkner. Mas por que razão me recordaram elas irresistivelmente também o ar de pesadelo de *O Alaúde* de Picasso?

O estranho e o comum, o humano e o desumano, o desespero e a esperança voam hoje sobre todos os continentes. O que se pede ao autor de *Histórias de Amor* não é que os evite ou os cale, mas que os exprima, que os denuncie ou os acalente num gosto desamericanizado, num gosto tanto

quanto possível português. Pede-se aos escritores a criação de uma nova literatura, humana, moderna, e nacional. Um escritor com as possibilidades reveladas por Cardoso Pires deve tomar este pedido, não como uma impertinência, mas como uma tarefa a cumprir, como um objectivo a alcançar, como um dever.

MÁRIO DIONÍSIO